

Artículo Original

# OCUPAÇÕES QUE SALVAM EM SITUAÇÕES EXTREMAS: UMA ANÁLISE DOCUMENTAL A PARTIR DO HOLOCAUSTO

Ocupaciones que salvan en situaciones extremas: Un análisis documental desde el holocausto.

Occupations that save in extreme situations: A documentary analysis from the holocaust.

Amanda Venturino Estorque <sup>1</sup>. Ricardo Lopes Correia <sup>2</sup>. Beatriz Akemi Takeiti <sup>3</sup>. Daniela Tavares Gontijo <sup>4</sup>

<sup>1</sup> Graduação em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Pós-graduanda em Terapia Ocupacional e Reorganização Sensorial no Autismo pela CBI of Miami/Centro Universitário Celso Lisboa, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Terapeuta Ocupacional no Instituto de Desenvolvimento Humano Alma Includer, Teresópolis, RJ, Brasil.  
<https://orcid.org/0000-0003-0086-7141>.

<sup>2</sup> Doutor, Professor Adjunto do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil; Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - EICOS da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
<https://orcid.org/0000-0003-3108-2224>

<sup>3</sup> Bacharel em Terapia Ocupacional pela PUCCAMP, Mestre e Doutora em Psicologia Social pela PUC/SP. Bacharel em Terapia Ocupacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. ResearcherID: ABB - 6761 - 2020.  
<https://orcid.org/0000-0003-2847-0787>.

<sup>4</sup> Graduação em Terapia Ocupacional (UFMG), Doutorado em Ciências da Saúde (UNB) e Pós doutorado em Educação (UFPE). Terapeuta Ocupacional e Professora Associada na Universidade Federal de Pernambuco. Universidade Federal de Pernambuco- Brasil.  
<https://orcid.org/0000-0002-2117-0143>.

Recibido: 01/09/2021  
Aceptado: 06/01/2023  
Publicación: 14/11/2023

**Resumo: Introdução:** Situações extremas, como guerras, conflitos armados, violência urbana e desastres naturais, podem produzir um senso de desumanização que inviabiliza o envolvimento das pessoas em suas ocupações. No entanto, a memória, o enraizamento cultural e os rituais podem promover a manutenção de ocupações significativas em situações extremas, “salvando” seres humanos do senso de perda da sua humanidade, ou seja, a ruptura de sua participação no tecido social cotidiano. **Objetivo:** Compreender teoricamente a sobrevivência em situações extremas no contexto do holocausto através do envolvimento ocupacional. **Método:** Pesquisa documental, de abordagem qualitativa, do tipo exploratória, com aproximações do método hermenêutico, realizada entre outubro de 2019 e março de 2020. Utilizou-se sete livros baseados em diários de crianças e adolescentes judias que vivenciaram o Holocausto. **Resultados:** Observou-se que as ocupações cumprem funções específicas para a sobrevivência em situações extremas, como a investigada no contexto do Holocausto. Estas ocupações estiveram relacionadas à reparação e cuidado do

corpo, manutenção e estruturação da rotina, espiritualidade, lazer, sociabilidade e convivência comunitária, e o sentir-se produtivo. **Conclusão:** O envolvimento em ocupações participa da elaboração de traumas psicossociais, através da manutenção dos significados socioculturais compartilhados que preservam o senso de humanidade em situações extremas.

**Palavras-chave:** envolvimento ocupacional; situação extrema; desumanização; terapia ocupacional.

**Resumen: Introducción:** Situaciones extremas, como guerras, conflictos armados, violencia urbana y desastres naturales, pueden producir una sensación de deshumanización que hace inviable la participación de las personas en sus ocupaciones. Sin embargo, la memoria, las raíces culturales y los rituales cotidianos pueden generar mecanismos para mantener ocupaciones significativas en situaciones extremas, “salvando” a los seres humanos del sentimiento de pérdida de su humanidad, es decir, de la ruptura de su participación en el tejido social cotidiano. **Objetivo:** Comprender teóricamente la supervivencia en situaciones extremas en el contexto del holocausto a través de la participación ocupacional. **Método:** Investigación documental, con enfoque cualitativo, de tipo exploratorio, con aproximaciones al método hermenéutico, empezada entre octubre de 2019 y marzo de 2020. Se utilizaron siete libros basados en diarios de niños y adolescentes judíos que vivieron el Holocausto. **Resultados:** Se observó que las ocupaciones cumplen funciones específicas para la supervivencia en situaciones extremas, como el Holocausto. Estas ocupaciones estuvieron acerca de la reparación y el cuidado del cuerpo, el mantenimiento y estructuración de la rutina, la espiritualidad, el ocio, la sociabilidad y la vida comunitaria, y el sentirse produtivo. **Conclusión:** La participación en las ocupaciones participa en la elaboración de traumas psicossociales, a través del mantenimiento de significados socioculturales compartidos que preservan el sentido de humanidad en situaciones extremas.

**Palabras Claves:** participación ocupacional; situaciones extremas; deshumanización; terapia ocupacional.

**Abstract: Introduction:** Extreme situations, such as wars, armed conflicts, urban violence and natural disasters, can produce a sense of dehumanization that makes people's involvement in their occupations unfeasible. However, memory, cultural roots and daily rituals can generate mechanisms for maintaining significant occupations in extreme situations, “saving” human beings from the sense of loss of their humanity, that is, the rupture of their participation in the everyday social fabric. **Aim:** To theoretically understand the survival in extreme situations in the context of the holocaust through occupational involvement. **Method:** Documentary research, with a qualitative approach, of the exploratory type, with approaches to the hermeneutic method, between October 2019 and March 2020. Seven books based on diaries of Jewish children and adolescents who experienced the Holocaust were used. **Outcome:** It was observed that occupations fulfill specific functions for survival in extreme situations, such as the one investigated in the context of the Holocaust. These occupations were related to body repair and care, routine maintenance and structuring, spirituality, leisure, sociability and community life, and feeling produc-

tive. **Finding:** Involvement in occupations participates in the elaboration of psychosocial traumas, through the maintenance of shared sociocultural meanings that preserve the sense of humanity in extreme situations.

**Keywords:** involvement occupational; extreme situation; dehumanization; occupational therapy.

## 1. introdução

O holocausto foi o maior conflito bélico já visto, envolvendo diversas nações do planeta, com um número expressivo de mortes e confinamentos e configura-se como uma situação extrema (Coggiola, 2017). Isso porque, diversos grupos populacionais, como judeus, homossexuais, pessoas com deficiência, com ideais políticos distintos, e outros, foram perseguidos para serem exterminados. Foram construídos campos de concentração, câmaras a gás e outras estratégias de extermínio em massa, trazendo à vida cotidiana da população mundial um cenário de medo e injustiças.

Nelson & Wilson (2012), em seu estudo com judeus sobreviventes de campos de concentração, perceberam que, além de perdas ocupacionais significativas devido à Guerra, houve também mudanças no status de outras ocupações: aquelas que antes eram consideradas banais, passaram a ser consideradas essenciais para manutenção de sua sobrevivência.

Nesta direção, o presente artigo aborda as ocupações enquanto forma de elaborar traumas psicossociais, “salvando” pessoas e grupos de situações extremas de violência e rupturas com o tecido social. A compreensão sobre o “salvar” aqui defendida corresponde à garantia de manutenção e enraizamento em ocupações significativas, que permitem a continuidade da vida, mesmo em situações desumanizantes. Isso não ignora a necessidade de análises mais profundas e conjecturais sobre sistemas de opressão. No entanto, neste tra-

balho, explora-se a categoria “ocupações que salvam” como um ângulo de análise para a produção de conhecimento e práticas em Terapia Ocupacional e Ciência Ocupacional, considerando a existência de diferentes contextos em que as condições de vida se apresentam extremas.

Para Martin Baró (1988), em situações e contexto opressores, como guerras, conflitos civis, sistemas escravagistas entre outros, há mecanismos que expropriam a desumanidade das pessoas, ou seja, seus significados individuais e coletivos construídos e reproduzidos no tecido social cotidiano. Para o autor, mesmo nestes contextos, as pessoas são capazes, através das práticas sociais (como compreendemos neste texto as ocupações), desafiarem, resistirem e se manterem salvas, como da perda de significados e até mesmo da morte, já que o envolvimento com estas permite o enraizamento no seio de suas culturas.

Em tela, o envolvimento ocupacional inclui aspectos objetivos e subjetivos de experiências da pessoa na dinâmica de interação entre sua mente, corpo e espiritualidade, bem como das escolhas e motivações de um indivíduo dentro de seu contexto ambiental e de vida (Gomes, Teixeira & Ribeiro, 2021). Também para Correia (2021), o envolvimento ocupacional compreende a capacidade de realizar a vida através das ocupações e participar socioculturalmente das relações humanas, que, por sua vez, implicam diferentes forças e sistemas conflituais que exigem negociações entre

humanos e não-humanos, permitindo o desenvolvimento de habilidades, capacidades e senso de inserção e participação social.

Assim, além da guerra, outras situações extremas - compreendidas aqui como sistemas de conflito que geram processos de desumanização de sujeitos em determinados contextos socioculturais (Nelson & Wilson, 2012). Isto têm despertado o interesse da Terapia Ocupacional e Ciência Ocupacional, como por exemplo, a análise do envolvimento em ocupações em campos de refugiados (Álvarez, Díez & Arberas 2021), a interrupção e a recuperação ocupacional de sobreviventes de desastres naturais (Sima, Thomas & Lowrie, 2017) e as ocupações de jovens em situação de privação de liberdade (Falardeau, Morin & Bellemare, 2014).

A desumanização é um processo de privação do envolvimento ocupacional que se registra como ferida aberta na vida simbólica e material de suas vítimas, relacionando-se, portanto, com traumas psicossociais. Martin Baró (1988) descreve os traumas psicossociais como consequências de situações extremas, sofrimentos e “feridas” que têm sua origem na (des)organização sociopolítica, e não no indivíduo, como propõe a leitura psicanalítica ortodoxa do trauma. Os traumas se mantêm a partir dos padrões de relação social que produzem sistemas de inclusão/exclusão, assistência/vulnerabilidade, coesão/disjunção, etc. Assim, o modo como a sociedade estrutura as interações entre seus atores determina o prolongamento ou a superação dos traumas psicossociais.

As situações extremas podem produzir um senso de desumanização que inviabiliza o envolvimento das pessoas em suas ocupações. Whiteford (2000) denomina como privação ocupacional as restrições provenientes do meio externo aos fazeres necessários e significativos para a existência das pessoas. Guerras, conflitos armados, violência urbana,

crimes ambientais, entre outros, compõem uma série de mecanismos de privação ocupacional que impedem a realização ou extraem os significados das ocupações cotidianas. No entanto, a memória, o enraizamento cultural e os rituais podem promover a manutenção de ocupações significativas em situações extremas, “salvando” seres humanos do senso de perda da sua humanidade, ou seja, a ruptura de sua participação no tecido social cotidiano.

Sendo assim, este artigo tem como objetivo identificar, em diários produzidos durante a situação extrema do Holocausto, a experiência de envolvimento ocupacional e propor uma discussão a respeito da noção “ocupações que salvam” enquanto um processo de elaboração de traumas psicossociais.

## 2. Método

Trata-se de uma pesquisa documental qualitativa, exploratória, com aproximações da hermenêutica, realizada entre outubro de 2019 e março de 2020. Para Sá-Silva et al. (2009), a pesquisa documental é um método que visa abordar documentos, ou seja, fontes históricas com registros sobre um certo contexto de vida sociocultural, que ainda não receberam tratamento científico ou interpretação.

Conduziu-se a pesquisa a partir de diários escritos por crianças e adolescentes em uma situação extrema de holocausto. Os diários compreendem um gênero literário que serve como registro documental deste momento histórico. Martins & Azevedo (2016) estabelecem que a escrita do diário é uma forma de rememorar as vivências do indivíduo em relação ao meio sociocultural e às emoções por elas expressas.

O presente estudo foi desenvolvido em três etapas: 1) delimitação do tema e aquisição do material documental, 2) análise documental, e 3) análise de conteúdo.

### **2.1. Delimitação do tema e aquisição do material documental**

Foi delimitado o tema de pesquisa - envolvimento ocupacional em situações extremas de vida. Para o tratamento do tema, foi empregada a abordagem hermenêutica enquanto um modo de organizar os elementos materiais necessários para o desenvolvimento da pesquisa, bem como analisá-los. A orientação hermenêutica permite que na seleção das fontes de pesquisa o pesquisador imprima sua subjetividade, uma inclinação, que se refere a uma tendência do pesquisador, a partir da reflexão crítica sobre contexto estudado, buscando pelas fontes que julgue pertinentes à investigação (Reed et al., 2013).

Assim, o material que compõe esta pesquisa foram sete livros, organizados com base em diários de crianças e adolescentes judias que vivenciaram a Segunda Guerra Mundial. A justificativa pela escolha dos livros partiu de uma motivação pessoal da primeira autora. A leitura de diários de crianças durante a Segunda Guerra, encarada como hobbies pela autora desde sua adolescência, mobilizou reflexões pertinentes ao campo da Terapia Ocupacional após seu ingresso na graduação, tais como: “Existem ocupações que mantiveram essas crianças vivas?”; “O que motiva este tipo de ocupação em tais circunstâncias?”; e ainda “Como se envolver nessas ocupações ajudava essas crianças a sobreviver, viver e resistir?”. A disponibilidade

de acesso aos livros e de aquisição dessas obras delimitou o recorte de materiais aqui estudados.

Assumindo a atitude hermenêutica de pesquisa (Reed et al., 2013), não houve a pretensão de realizar uma vasta busca sobre livros relativos à temática, nem de esgotar as suas possibilidades. A quantidade de livros com as quais a autora teve contato nesta pesquisa apenas possibilita uma amostra possível sobre o tema proposto.

### **2.2. Análise documental**

A leitura dos elementos pré-textuais constituiu a etapa inicial da análise documental que corresponde à extração de dados sobre a natureza dos documentos, o contexto no qual foram escritos e sua relevância e fidedignidade com relação ao tema de pesquisa (Pimentel, 2001). Foram escolhidos para a pesquisa 7 livros, conforme Tabela 1.

**Tabla 1**

Documentos selecionados e analisados na pesquisa documental.

<b>Autor (ano de publicação)</b>	<b>Título</b>	<b>Editora</b>	<b>Páginas</b>
Janina Bauman (2005)	Inverno na Manhã: Uma Jovem no Gueto de Varsóvia	Jorge Zahar Editor	231
Clara Kramer (2008)	A Guerra de Clara: A história real da família judia salva do holocausto por um antisemita	Ediouro	335
Rutka Laskier (2008)	O Diário de Rutka	Rocco	83
Mary Berg (2010)	O Diário de Mary Berg: Memórias do gueto de Varsóvia	Amarilys	318
Helga Weiss (2013)	O Diário de Helga: O relato de uma menina sobre a vida em um campo de concentração	Intrínseca	238
Anne Frank (2015)	O Diário de Anne Frank	BestBolso	373
Rywka Lipszyc (2015)	O Diário de Rywka	Seguinte	202

**Fonte:** Os autores.

As autoras dos diários analisados neste estudo eram, em sua totalidade, do sexo feminino, com idade entre 8 e 15 anos, oriundas da Polônia, França, Tchecoslováquia e Holanda, que mantiveram a escrita do diário entre os anos de 1939 e 1945. Algumas destas crianças já tinham o hábito de escrever diários, outras foram motivadas a escrever para registrar suas experiências durante a guerra. As autoras produziram suas narrativas nos

esconderijos fixos ou passageiros, nos guetos e nos campos de concentração.

Entendendo a escrita em livro enquanto objeto de memória, que retoma conteúdos do passado significados no presente e que reconstrói a realidade social, o diário faz-se um documento útil para a investigação das experiências ocupacionais durante

uma situação extrema, na qual deflagra-se a vulnerabilidade e/ou a perda do sentido de humanidade.

### **2.3. Análise de conteúdo**

Em seguida, foi realizado o processo de análise de conteúdo (Bardin, 2011), a partir de três etapas: 1) enunciação, 2) correlação e 3) categorização. A aplicação da análise de conteúdo teve por intuito identificar as mensagens implícitas nos documentos.

Na primeira etapa (Enunciação), foi realizada a extração de enunciados (frases, trechos, falas etc.) relacionados ao objetivo da pesquisa, a partir da leitura na íntegra dos documentos. A leitura esteve orientada para o preenchimento de um inventário de ocupações, previamente elaborado pelos pesquisadores, para extração das informações sobre o tema definido. O inventário foi composto por: 1) ocupação - onde foi descrito o que era feito no cotidiano; 2) descrição - enunciados extraídos dos documentos a respeito de quem, com quem, como, quando, onde, por que, para que eram realizadas determinadas ocupações e quais significados elas (re)produziam; 3) localização das páginas referente a enunciação e, por fim, 4) Observações - notas de interpretação dos pesquisadores sobre o conteúdo extraído e possíveis relações teóricas.

Já na segunda etapa (Correlação), os enunciados extraídos pelo inventário foram unidos por proximidade temática, em seus significados ou na repetição de ideias referentes às ocupações. Este processo permitiu a formulação das unidades de conteúdo, aqui denominadas “áreas de envolvimento ocupacional”. Por “envolvimento ocupacional” os autores buscaram englobar qualquer experiência ocupacional das crianças que pudessem emergir nos diários analisados, enquanto que as “áreas de envolvimento ocupacional” correspondem às unidades de conteúdo extraídas dos diários.

Desse modo, “envolvimento ocupacional” e “áreas de envolvimento” não corresponderam aqui a um conceito, uma perspectiva teórica ou um sistema único de classificação das ocupações relatadas. Buscou-se, no entanto, a articulação entre diferentes autores que se aproximavam dos significados, das vivências e das experiências particulares das crianças expressas em seus fazeres cotidianos.

As seis áreas de envolvimento ocupacional aqui encontradas foram: Sono (Furlani & Ceolim, 2005; Gomes, Teixeira & Ribeiro, 2021); Autocuidado (Law et al., 2009; Sumsion, 2003); Religiosidade (Costa, 2016; Ballarin et al., 2016); Lazer (Law et al., 2009; Martinelli, 2011); Participação Social (Silva & Oliver, 2019) e Produtividade (Law et al., 2009; Sumsion, 2003). Cada uma das áreas foi explicada na tabela 2.

**Tabla 2**

Áreas de envolvimento ocupacional enunciadas por crianças e jovens nos documentos incluídos na pesquisa.

<b>Áreas de envolvimento ocupacional</b>	<b>Ocupações incluídas</b>
Sono	ocupações de preparação para dormir e o ato de dormir
Autocuidado	ocupações de manutenção da integridade das funções físicas e mentais do corpo
Religiosidade	ocupações de expressão de crenças e aproximação com o sagrado
Lazer	ocupações de livre escolha, realizadas individualmente onde não há a obrigação de ser ou sentir-se produtivo
Participação Social	ocupações de socialização que promovem relacionamentos sociais ou interação com a comunidade/território
Produtividade	ocupações relativas à vir a ser ou sentir-se útil no meio social, pelo trabalho, pela educação ou cuidado com o ambiente e com os outros

**Fonte:** Os autores.

Por último, na terceira etapa (Categorização), foi elaborada a categoria de análise do trabalho. Nessa fase, as unidades de conteúdo foram agrupadas em torno de seu sentido comum. Como todas as unidades possuíam o mesmo significado que permeava o envolvimento ocupacional em situações extremas, foi definida uma única categoria de análise, denominada “Ocupações que Salvam”.

A categoria foi discutida e interpretada a partir de autores filiados aos estudos da ocupação humana em Terapia Ocupacional e Ciência da Ocupação (Nelson & Wilson, 2012; Lentin, 2002; Sima, Thomas & Lowrie, 2017; Álvarez, Díez & Arberas, 2021; Falardeau, Morin & Bellemare, 2014; Vaz et al. (2021); Costa et al. (2017); Wilcock; 1999) e da psicologia comunitária, especificamente da perspectiva teórica psicossocial dos traumas de Martin-Baró (1988; 1994).



### 3. Resultados y Discusión

Nelson & Wilson (2012) argumentam que a natureza ocupacional dos seres humanos persiste, mesmo quando exposta a perdas sublimes e ambientes ameaçadores. Os documentos pesquisados corroboram com os resultados destes autores, segundo os quais as ocupações cumprem funções de sobrevivência em situações extremas. Assim, o envolvimento em ocupações neste contexto esteve relacionado à reparação e cuidado do corpo, à manutenção da rotina, à espiritualidade, ao lazer, à convivência comunitária, e à produtividade.

#### 3.1. Áreas de envolvimento ocupacional

##### 3.1.1. Sono

Furlani & Ceolim (2005, p. 320) definem o sono como “um processo fisiológico e comportamental que obedece a um ritmo circadiano e sofre influência de fatores endógenos, sociais e ambientais”. Gomes, Teixeira & Ribeiro (2021) acrescentam que o sono e o descanso são atividades reparadoras que sustentam o envolvimento nas ocupações do dia a dia, subdividindo o sono em: preparação para o sono e participação no sono, no qual o primeiro inclui a organização do ambiente e o cuidado com o próprio corpo e o segundo envolve o dormir e o sonhar.

Alguns trechos dos diários exemplificam a ocupação de sono, como a necessidade da preparação para o dormir, sendo necessária uma organização entre diferentes pessoas: “*Nós nos enfileiramos como sardinha, deitamos todos sobre o lado direito do corpo, e se alguém se virar, o vagão inteiro precisa fazer o mesmo naquele exato instante*” - menciona Helga Weiss (2013, p. 171). O sono também é citado como uma ocupação reparadora após um longo dia de trabalho, conforme aponta Janina Bauman (2005, p. 74): “*Depois de um dia de trabalho duro físico e mental, ia pra cama morta*

*de cansaço, e logo caía num sono tranquilo*”. Sentimentos que envolviam Janina Bauman (2005, p. 118) também tiveram influência sobre seu sono, pois segundo ela: “*Nas primeiras horas da noite, banhada em lágrimas de angústia e culpa, pulei da cama e me estirei no tapete. Ali, fria e miserável, finalmente caí no sono*”.

Acrescenta-se que, segundo Mary Berg (2010, p. 195), os fatores externos também se mostraram determinantes: “*Nas últimas noites não conseguimos dormir. O barulho dos disparos e os gritos de desespero estão nos enlouquecendo*”. Helga Weiss (2013, p. 53) tentou estender a noite, evitando dormir para que o dia de sua deportação não chegasse: “*Não consigo adormecer, nem quero. Se eu ficar acordada, prolongarei a noite e adiarei o momento da partida*”. Em uma noite, Clara Kramer (2008, p. 114) forçou-se a dormir para evitar pensamentos que a assombravam: “*Eu não estava absolutamente cansada. Queria dormir para poder parar de pensar no que seria um mundo sem mãe*”. O ato de dormir pode ainda trazer uma sensação de proteção, visto que aproxima outras pessoas, como menciona Janina Bauman (2005, p. 30): “*Amontoados nos quartos de baixo, dormindo perto uns dos outros, coisa tão incomum para nós, sentíamos-nos muito mais protegidos*”.

Desta forma, o sono e o descanso como ocupações vividas no holocausto, compreenderam uma função reparadora, restabelecendo a energia do corpo para lidar no tempo desperto com as demais ocupações, sobretudo as de trabalho em meio ao contexto violento. Porém, fatores internos e externos às pessoas condicionam a qualidade do sono e restringem, muitas vezes, o seu papel reparador. Os pensamentos, as emoções e a organização social com as situações desumanizadoras restringem os modos de dormir e descansar como um envolvimento ocupacional necessário.

### 3.1.2. Autocuidado

Law et al. (2009) consideram o autocuidado como ocupações desempenhadas para manter a integridade das funções do corpo. Para Sumsion (2003) o autocuidado é um conjunto de ocupações para cuidar de si com objetivo de manter a saúde e o bem-estar, envolvendo para além da aparência pessoal, as mudanças necessárias ao ambiente.

Nos trechos dos diários o autocuidado está relacionado à alimentação, como descreve Clara Kramer (2008, p. 240) após conseguirem, depois de muito tempo, um pouco de gordura para comer: *“Foi melhor que qualquer banquete de qualquer festividade que tivesse havido em minha existência”* e quando Helga Weiss (2013, p. 144) menciona sobre como se alimentavam no campo de concentração: *“5 a 10 pessoas comeram num único pote... não temos colheres [...] Precisamos comer, não importa como ou o que, me entupi o máximo que pude. Usei os dentes e as mãos”*. Outros trechos relatam o ato de roubar alimentos para conseguir sobreviver, como menciona Mary Berg (2010, p. 218): *“Muitas vezes conseguimos roubar algumas beterrabas [...] todo o grupo de prisioneiros corre para os legumes como uma alcateia de lobos famintos”* e Janina Bauman (2005, p. 99) sobre a sensação após conseguir pão: *“A volta era menos assustadora, o aroma do pão quente me fazia sentir mais segura”*.

Também se relaciona ao cuidado com o corpo, como destaca Clara Kramer (2008, p. 76) ao relatar sobre a importância de cortar os cabelos para evitar doenças: *“Não precisávamos de cabelos bonitos - eram uma ameaça à sobrevivência”* e por Anne Frank (2015, p. 64) sobre a realização de exercícios físicos: *“Estamos tão rígidos que mal conseguimos virar a cabeça [...] A ginástica de verdade foi abandonada há muito tempo”*. Janina Bauman (2005, p. 184) relata ainda sobre o mo-

mento de se proteger de ataques aéreos e a sensação que causa: *“E assim permaneci no porão, contando as explosões e esperando indolentemente pela morte”*.

Observa-se que ocupações de autocuidado como alimentação, higiene e exercícios físicos nesses contextos visam proteger o corpo de danos físicos e psicológicos. Assim, o autocuidado cumpre a função de manter as condições mínimas e necessárias para a sobrevivência, permitindo consequentemente o envolvimento em outras ocupações.

### 3.1.3. Religiosidade

A religiosidade é compreendida por Costa (2016) como práticas sociais (orações, meditação, leituras) de aproximação com o sagrado que podem guiar as pessoas nas escolhas de suas atividades a partir de suas crenças. Ballarin et al. (2016, p. 139) descrevem a religiosidade como *“(...) aspectos individuais e institucionais, constituindo-se como uma experiência pessoal relacionada a uma prática e/ou ritual religioso (...)”*.

Rituais religiosos são descritos por Clara Kramer (2008, p. 194) e Mary Berg (2010, p. 211), respectivamente, sobre o ato de rezar: *“Eu senti que pela 1º vez eu rezaria de verdade. Havia tantas coisas que eu desejava pedir a Deus”*; *“Todos os presentes choraram [...] Logo tudo se mesclou em um lamento e em soluções”*. Outro ritual também é descrito por Helga Weiss (2013, p. 129) ao se referir ao Dia do Perdão Judaico, em que é feito um jejum de 24h: *“Faço jejum e que ninguém me diga que não tem sentido. Não este ano, não neste momento”*.

As comemorações de datas de cunho religioso também foram relatadas, como menciona Janina Bauman (2005, p. 173) sobre a festa de Páscoa: *“Ficamos sentados apertadinhos, comendo sem*

*parar, bebendo licor e conversando [...] Sentindo-me animada e segura*"; sobre as festas de Natal, descritas por Clara Kramer (2008, p. 92): *"Por aqueles breves momentos a guerra pareceu recuar [...] Esqueci-me da guerra [...] Houve risadas, piadas e brindes"*, e por Helga Weiss (2013, p. 77): *"Por um tempo, esquecemos de tudo, foi como se estivéssemos em casa ou em algum teatro"*. Rywka Lipszyc (2015, p. 97) relata ainda sobre a vontade de estudar o seu livro sagrado: *"Sempre quis estudar, mas não sabia exatamente o quê. Agora eu sei [...] sei que quero estudar, mas estudar a Torá"*.

Em suma, constata-se que a religiosidade é organizada por um conjunto de ocupações e rituais atrelados a um sistema de crenças e valores espirituais. É possível perceber que a religiosidade sustentou os projetos de vida dessas pessoas, mesmo quando em circunstâncias degradantes. Assim, a religiosidade esteve relacionada ao espírito de esperança, motivação e, muitas vezes, um significado para compreender as situações vividas.

#### **3.1.4. Lazer**

Para Law et al. (2009) o lazer inclui as ocupações realizadas quando o indivíduo não tem a obrigação de ser produtivo. Martinelli (2011) relaciona o lazer com a possibilidade de realização pessoal, manifestação cultural e autonomia, visto que este envolvimento se dá a partir da escolha livre e dos interesses do sujeito.

Observar a natureza é uma das ocupações de lazer descritas por Anne Frank (2015, p. 350) e ela menciona como esse momento transmite uma sensação positiva para si mesma: *"Faz com que me sinta calma e esperançosa [...] Faz com que eu me sinta humilde e pronta para enfrentar cada golpe com coragem"*. Alguns trechos demonstram uma escassez de recursos, como por exemplo o uso do rádio como diversão, mencionado por Clara Kramer (2008, p. 263): *"Era uma das únicas tréguas que*

*tínhamos, e quando havia música ela representava uma diversão, ainda que passageira"* e a utilização dos livros, como apresenta Janina Bauman (2005, p. 147): *"Nosso único consolo eram os livros [...] Líamos os livros durante o dia, e de noite lá estávamos nós, folheando os livros outra vez"*.

A leitura e a escrita foram as principais ocupações de lazer, e algumas passagens demonstram que a realização dessas ocupações tinha objetivo de fugir da realidade e manter o bem-estar emocional. Quanto à leitura, Clara Kramer (2008, p. 41) menciona: *"Cada vez mais recorria à literatura para deixar o mundo trancado do lado de fora"*. A escrita é apresentada por Janina Bauman (2005, p. 166) como: *"uma dádiva, uma fuga do tempo e do lugar presentes"*, por Clara Kramer (2008, p. 188) como: *"Algumas vezes escrevia para me isolar do mundo, outras, para escapar ao tédio ou ignorar uma disputa"* e por Anne Frank (2015, p. 177 e 279): *"O fato de escrever me levantou um pouco das profundezas do desespero"* e *"Quando escrevo consigo afastar todas as preocupações. Minha tristeza desaparece, meu ânimo renasce"*.

Observa-se que o lazer é considerado uma ocupação que proporciona experiência de distração e prazer, tornando suportável a vivência dessas crianças nas situações extremas. Segundo os trechos, as ocupações de lazer das crianças ocorriam paralelamente às ocupações consideradas obrigatórias. O sentido dado às ocupações de lazer permitiu o enfrentamento de fatores estressores como a violência, além da promoção de algum grau de bem-estar ou condição mínima de vida.

#### **3.1.5. Participação Social**

Silva & Oliver (2019) descrevem a participação social como:

*envolvimento dos sujeitos em grupos sociais e/ou nos espaços públicos e comunitários, para transformar o cotidiano e as condições*

*de vida marcados pelo adoecimento, violência, sofrimento mental e/ou psíquico, injustiça social e ocupacional, desigualdade, preconceitos, exclusão e opressão (p. 859).*

A participação social das crianças é retratada em trechos nos diários, como a ida ao concerto com os amigos, descrito por Janina Bauman (2005, p. 66): *“Depois desse primeiro concerto, eu mal pude esperar pelo seguinte, e jamais perdi nenhum até que se encerraram”* e também com os familiares: *“Só por um momento tudo ficou perfeito. Ninguém queria estar em outro lugar, nem pensar em outra coisa”* mencionado por Clara Kramer (2008, p. 31). As reuniões com os amigos e colegas também foram relatadas, como por exemplo: *“Nós conversamos tanto, tanto, que não consigo repetir tudo. Mas foi bom, foi a noite mais maravilhosa que já tive no anexo”* mencionado por Anne Frank (2015, p. 252) e *“No geral, gostei muito. Depois fizemos planos para o futuro. 1 x por semana vamos estudar só literatura e aos domingos teremos uma hora de diversão”* descrito por Rywka Lipszyc (2015, p. 75).

Outros trechos demonstram que com algumas ocupações é possível esquecer por um momento o contexto em que estão, como mencionado por Clara Kramer (2008, p. 181) sobre conversar com as pessoas fora do esconderijo: *“O prazer de me sentar numa cadeira... uma janela pela qual olhar... me bastou para fingir por um momento que minha vida era normal”* e por Mary Berg (2010, p. 118) ao assistir uma peça de teatro com seu amigo: *“O público riu com vontade e passou algumas horas agradáveis no teatro confortável, esquecendo completamente os perigos que espreitam lá fora”*. São descritos ainda trechos que apresentam a influência do contexto no momento que realizam as ocupações, como por exemplo a sensação de culpa por se divertir, mencionada por Janina Bauman (2005, p. 70): *“Me sentindo ao mesmo tempo excitada e culpada, já que não*

*aprovava que a gente se divertisse muito enquanto pessoas morriam na rua”* e a dualidade entre sensações boas e ruins ao comemorar a véspera de ano novo: *“Sinto-me completamente vazia, como se estivesse suspensa em um abismo [...] Mistura de entretenimento e pesadelo”* descrita por Mary Berg (2010, p. 128).

A participação social, conforme evidenciam os trechos, compreendem a formação de redes de sociabilidade e a organização sociocultural. Apesar das condições de extrema vulnerabilidade e risco de vida, a participação social permite a expressão do sujeito enquanto ser social, sendo esta uma necessidade humana. A participação social viabilizou a comunicação e interação entre membros do grupo, produzindo senso de pertencimento, troca de informações e cuidado mútuo.

### **3.1.6. Produtividade**

Para Law et al. (2009), a produtividade abarca ocupações referentes ao trabalho, à estabilidade do lar e da família, à preservação econômica e ao desenvolvimento pessoal. As autoras dividem a ocupação produtiva em três tipos: trabalho remunerado ou voluntário; tarefas domésticas; estudo/brincar. Sumsion (2003) acrescenta que a produtividade pode ser qualquer atividade, remunerada ou voluntária, que o sujeito realiza em casa ou na comunidade para sentir-se produtivo no meio social.

Algumas passagens descrevem a necessidade de sentir-se útil, como mencionado por Clara Kramer (2008, p. 58 e 83) sobre o trabalho que estava fazendo com uma enfermeira: *“Dedicávamos todo tempo a ajudar outros judeus”* e sobre a escrita de seu diário servir como um registro posteriormente: *“Só foi preciso começar para eu me envolver na tarefa. Seria um registro. Algo para eu fazer todo dia, alguma coisa com propósito. Era uma maneira de revidar”*. Ainda com o objetivo de ser útil, Anne

Frank (2015, p. 127) descreve sobre os trabalhos de escritório que ajudou a realizar: *“Isso faz com que nos sintamos importantes”* e Helga Weiss (2013, p. 92) demonstra que apesar do trabalho ter aspectos ruins, a possibilidade de ajudar é mais importante: *“Não faltei nenhum dia, mas estou exausta demais pra ver toda aquela desgraça e sofrimento”*.

Em outros trechos o trabalho é apresentado como uma possibilidade de conseguir dinheiro, como relata Clara Kramer (2005, p. 126) sobre o trabalho de costurar: *“Finalmente conseguimos alguns afazeres que nos pudesse render algum dinheiro”* e também de conseguir alimentos, como no trabalho voluntário em uma horta, mencionado por Helga Weiss (2013, p. 100): *“Estou muito ansiosa para levar algumas verduras para minha mãe... preciso estar preparada para -desviar- alguns ramos”*.

A ida à escola foi compreendida ainda como um fator que auxiliou no bem-estar emocional, como descrito por Clara Kramer (2005, p. 44): *“O único fator que mantinha minha sanidade mental era a ida à escola”* e a realização de cursos, como mencionado por Anne Frank (2015, p. 113), foi motivada pela vontade do tempo passar depressa: *“Tentar fazer com que os dias passem o mais rápido possível para estarmos mais perto do fim da nossa estadia aqui”*. Em outros trechos a ida à escola e ao trabalho foram vistos como uma possibilidade de estar próximo de outras pessoas, como descrito por Janina Bauman (2005, p. 113 e 43) em um dia de trabalho: *“Aquele dia ficou um pouco menos desolador” [...] Era formidável ter um amigo, compartilhar ideias e sentimentos”* e após ir à escola: *“Sensação calorosa e reconfortante de estar entre amigas”*. A insegurança de circular pelas ruas a caminho da escola foi descrita por Mary Berg (2010, p. 151): *“Todos os dias, de manhã e à tarde, quando vou para a escola, não tenho cer-*

*teza se voltarei viva”* e no momento de estudar Janina Bauman (2005, p. 107) menciona que a fome tem uma influência negativa: *“Apesar de nossa dedicação inicial, não foi bom. Estamos famintos”*.

A produtividade surge no contexto dos diários como ocupações que geram um propósito para os sujeitos no mundo da vida. Conseqüentemente, a produtividade favoreceu o sentimento de importância, realização e “utilidade” para os outros. A produtividade também se expressa como meio de garantir os recursos necessários para a subsistência, especialmente em contextos onde os recursos estruturais e financeiros são insuficientes.

### 3.2. A categoria “Ocupações que Salvam”

A importância que as ocupações humanas têm nos contextos de opressão, privação e injustiças é tema abordado na literatura em Terapia Ocupacional e em diferentes estudos da ocupação humana, sobretudo na Ciência Ocupacional (Nelson & Wilson, 2012; Lentin, 2002; Sima, Thomas & Lowrie, 2017; Álvarez, Díez & Arberas, 2021; Falardeau, Morin & Bellemare, 2014).

Tanto a literatura acima citada quanto os resultados apresentados na presente pesquisa convergem na defesa do caráter de apoio à sobrevivência que as ocupações permitem. Elas exercem a função de elaboração da realidade violenta vivida, de produção de mecanismos psicológicos de defesa da subjetividade e sublimação dos eventos que tendem a romper com a individualização. Além de possibilitarem a tomada de consciência crítica e a conseqüente manutenção das experiências positivas que constituem algum senso de humanidade e comunidade.

Nelson & Wilson (2016) descrevem, por exemplo, a função de survival occupations [ocupações de sobrevivência, em tradução livre], como:

*Chegamos a entender que as ocupações de sobrevivência têm significado precisamente porque permitem que a própria vida continue. Mesmo para aquelas em ambientes extremos, a diminuição dos níveis de energia exige que a criatividade ocupacional seja reduzida a encontrar maneiras de sobreviver diariamente. Passamos a ver que as ocupações aparentemente sem importância, como cantar e participar de orações particulares, se tornaram fundamentais, porque ajudaram o eu a sobreviver (p. 186, tradução livre).*

Ampliando a discussão a respeito da função de sobrevivência que as ocupações exercem, durante a análise dos diários suscitou-se a noção de “ocupações que salvam”. Resguardando os sentidos dos termos em língua portuguesa, acredita-se que utilizar a ideia de “sobrevivência” poderia deflagrar uma compreensão restrita das ocupações, voltada à preservação e manutenção da integridade do corpo apenas enquanto ser biológico. Deste modo, propôs-se a articulação das ocupações com o termo “salvar”, acreditando que este termo possa expressar de maneira mais adequada a abrangência dos significados simbólicos e materiais das ocupações para as pessoas. Considerando o contexto linguístico brasileiro, distancia-se também de qualquer tentativa de limitação dos significados atrelados a esta palavra. Isto quer dizer que se “salvar” através das ocupações não possui aqui (apenas) sentido biológico, filantrópico, ou religioso, por exemplo, e sim um processo de elaboração psicossocial que engloba significados diversos que dependem dos contextos ambientais e pessoais de vida.

No esforço de descrever as ocupações que salvam, destaca-se que este modo de envolvimento em ocupações caracteriza-se por acontecer em situações extremas de vida e buscar a manutenção de condições básicas de sobrevivência, satisfazendo a

necessidade humana íntima e social de expressar-se, manter-se na história e dar significado à própria existência. As ocupações que salvam viabilizam algum grau de bem-estar físico, mental e social em contextos de grave desumanização, e preservam, além da integridade da pessoa, também a cultura, as memórias, os hábitos, as crenças e a ideologia.

Conforme propõe Martin-Baró (1988), situações desumanizadoras causam traumas psicossociais nos sujeitos que as enfrentam. Os traumas psicossociais são marcas negativas na experiência de vida de uma pessoa, decorrentes de processos sociais de exclusão, marginalização ou violência. Entende-se, assim, que o contexto do Holocausto, por efeito, trouxe traumas psicossociais para as crianças e jovens autoras dos diários.

Contudo, observou-se que, durante o período de guerra, essas crianças e adolescentes se envolviam em ocupações contextualizadas em situações limites que, para Martin-Baró (1994), possibilitam romper com um cenário devastador através de ações ativas, libertárias e existenciais. Com este conceito, para além de se atentar às produções negativas ou maléficas da guerra para a saúde mental das pessoas, o autor sugere avaliar as possibilidades de ações geradas pelas situações extremas.

Algumas das situações limites foram observadas nas ocupações das crianças e adolescentes a partir do cuidado do corpo, do descanso, da tentativa de reestruturar suas rotinas em meio ao caos, da expressão de sua espiritualidade, da produção de momentos de lazer e sociabilidade, além do esforço em produzir em si mesmas a sensação de produtividade. Com isso, estipula-se que o envolvimento em ocupações que salvam pode ter um papel importante na elaboração dos traumas psi-

cossociais, mobilizando situações limites particulares e coletivas que retomam a expressão da liberdade humana e do sentido da vida.

Neste mesmo sentido, Lentin (2002), em seu estudo de caso, visou apresentar as consequências de um evento traumático (abuso ao longo da infância e adolescência) sobre o desempenho ocupacional, além de descrever a importância do envolvimento em ocupações no processo de enfrentamento desse trauma. A autora descreve que a experiência traumática influencia na forma como o sujeito passa a enxergar a si mesmo, os outros, o ambiente e a vida, o que implica diretamente nas ocupações (recusa ao trabalho com pessoas com características semelhantes às do abusador, maior cuidado com os filhos, retomada das atividades de estudo).

O modo como a pessoa se implica em ocupações é essencial para gerenciar aspectos biológicos e emocionais. Portanto, compreender as ocupações que são realizadas atualmente, no passado ou as que se pretende realizar no futuro auxilia na elaboração do trauma vivenciado e da consciência de continuidade da vida (Lentin, 2002).

Sima, Thomas & Lowrie (2017), em estudo sobre as ocupações de indivíduos após desastre natural, perceberam que apesar das ocupações estarem comprometidas nesta situação, elas se tornam fundamentais no pós-desastre. As ocupações serviram para a recuperação desses sujeitos diante das consequências trazidas pelo desastre.

Ao analisar a rotina das autoras dos diários, percebeu-se que o Holocausto, enquanto fator sócio-histórico extremo, limitava a participação das crianças/adolescentes em suas ocupações, desumanizando-as. Como consequência deste momento trágico da história global, foi elaborada a Declaração dos Direitos Humanos, que vai ao encontro das discussões sobre a justiça ocupacional, tal

como afirmam Vaz et al. (2021). Deste modo, a justiça ocupacional implicará em direitos que devem ser assegurados para que a participação livre e ativa de indivíduos ou coletivos na vida comunitária se configure como meio de exercício da cidadania, promovendo resistência às pressões e marginalizações impostas pela estrutura sociopolítica (Vaz et al., 2021).

Tal como apresentado neste estudo, observa-se na literatura de Ciência Ocupacional alguns exemplos de pesquisas que colocam em discussão as consequências das situações extremas na participação dos sujeitos.

Álvarez, Díez & Arberas (2021) ao estudarem o engajamento em ocupações de grupos de refugiados, apresentaram que esta população se encontrava impossibilitada de participar de suas ocupações consideradas significativas. Ressalta-se que os participantes do estudo, em sua totalidade, relataram dificuldades na área de participação social, no envolvimento em organizações comunitárias e na comunicação livre e ativa (Álvarez, Díez & Arberas, 2021).

Já Falardeau, Morin & Bellemare (2014) apontaram, a partir de sua pesquisa junto a pessoas em situação de privação de liberdade por crimes cometidos, que elas se encontravam em situação de privação ocupacional. Os autores ressaltam que os participantes relataram maior necessidade em ocupações que pudessem gastar energia, como esporte, dança, treinos, e ocupações relacionadas às artes e expressão, como a composição de músicas ou aprender a tocar instrumentos musicais.

Como movimento contrário a esses contextos de restrição da participação em ocupações, Vaz et al. (2021) retomam o conceito de justiça ocupacional enquanto cumprimento do direito das pessoas de se envolver em ocupações, sejam elas necessárias

para sobreviver, significativas ou porque favorecem o bem-estar de si e da comunidade.

Além de ser um direito de todas as pessoas de forma igualitária e sem discriminação, Costa et al. (2017) afirmam que o envolvimento em ocupações é necessário para adaptação e sobrevivência das pessoas, fornecendo meios para aprendizagem, satisfação, entretenimento e automanutenção. Os autores argumentam que através do envolvimento ocupacional e do significado que as ocupações apresentam socioculturalmente, as pessoas podem refletir sobre a sua própria existência.

Destaca-se que as narrativas tecidas, como as experimentadas na escrita dos diários, permitem compreender as interações ocupacionais entre as crianças e outras pessoas, geralmente adultas, bem como os elementos não-humanos que fazem parte do ambiente enquanto objetos de memória. Esta ocupação, como argumentam Townsend, Rahal & Suleman (2018), promove a continuidade das narrativas ocupacionais, a fim de vínculos sociais e ressignificar e (re)construir novas formas de envolvimento ocupacional.

Ainda sobre as ocupações, Wilcock (1999) as descreve como uma síntese de três aspectos: fazer, ser e tornar-se. O fazer fornece meios para interação social e desenvolvimento da sociedade; o que as pessoas fazem molda a sociedade para o bem ou para o mal. O ser é compreendido como a essência, a natureza do sujeito. Já o tornar-se compreende o que dá para se tornar sendo fiel ao que se é. Em suma, é por meio do envolvimento em ocupações que é possível não abandonar aquilo que se é capaz de ser, a fim de garantir a manutenção e a possibilidade do tornar-se.

Desta forma, assinala-se a importância de análise e intervenções na mutualidade entre as ocupações que salvam e as ocupações que desumanizam,

a primeira como uma situação limite da manutenção e criatividade da vida, e a outra da completa alienação e perda do sentido de comunidade e participação no tecido social.

É nesta dialética que há uma convergência entre a concepção de "elaboração do trauma" para Martín-Baró e de "tornar-se" para Wilcock, uma vez que manter-se envolvido em ocupações em situações limites cumpre a função de elaborar os possíveis traumas psicossociais que implicam na continuidade do senso de humanidade. Envolver-se em ocupações nestas situações se relaciona com processos psicossociais de remissão de feridas, bem como de tomada de consciência das violências físicas, simbólicas e estruturais que se impõem nas condições extremas de vida de pessoas e grupos, auxiliando-as a construir modos de fazer e existir que resistam às forças desumanizadoras.

Especificamente a prática de terapeutas ocupacionais, longe de gerar consensos teórico-metodológicos sobre a sua especificidade, tem como objetivo promover a participação de pessoas, grupos e populações em ocupações necessárias e significativas na vida cotidiana. Isso porque, uma das premissas fundamentais e que acompanham a história da profissão é a de que o envolvimento em ocupações permite que as pessoas possam se constituir como seres humanos conectados à uma rede social mais ampla, que lhes permitem (re)produzir significados para a inserção e participação social, que, por sua vez, é uma função básica que atribui sentido à vida em diferentes contextos e culturas.

Além disso, o envolvimento em ocupações permite a produção de bem-estar, saúde, cidadania, identidade social e cultural, entre outras funções que exigem, de modo geral, que terapeutas ocupacionais deem a importância para análises e intervenções mais críticas que levem em conta as



pectos micro e macrossociais, locais e globais, individuais e coletivos, como pares indissociáveis do processo de cuidado e produção de conhecimento científico.

Assim, acredita-se que evidenciar as “ocupações que salvam” como uma categoria teórico-prática para terapeutas ocupacionais intervirem em contextos de situações extremas que geram processos de desumanização, pode apoiar a construção de um raciocínio que insira o envolvimento de determinadas ocupações como estratégias de elaboração de traumas psicossociais.

Como visto, as situações extremas levam a desumanização pois rompem ou privam as pessoas daquelas ocupações necessárias à sua sobrevivência, biológica e psíquica, mas que também as desconectam de um senso de identidade material e simbólica, como as crenças, valores, ou seja, de uma cultura compartilhada que permite o enraizamento no tecido social. Especificamente, sobre a importância do envolvimento ocupacional na produção do senso de identidade do eu coletivo, encontra-se a oportunidade, quando na experiência de situações extremas da vida, de ter espaço psíquico e social para elaborar e projetar possibilidades de compreensão de si e da realidade, bem como de possíveis saídas, ou seja, resoluções para “manter-se vivo no eu humano”. Isso demonstra o poder das ocupações enquanto enraizamento sociocultural determinante na construção do eu e do coletivo como processos indissociáveis.

Neste sentido, terapeutas ocupacionais têm a oportunidade de contribuir e justificar o porquê se faz importante que mesmo em situações extremas de vida é necessário que pessoas, grupos e populações devam se manter em ocupações significativas para si.

As experiências de constituição e manutenção do eu humano coletivo, como argumenta Martín-

Baró, não é um processo isolado, ou particular, à realidade macrossocial, política e econômica. Ao contrário, as feridas psicossociais, como expõe o autor, são rupturas e violações dos sistemas de Estado experimentados individualmente.

Portanto, o processo de elaboração dos traumas psicossociais não é, e não pode ser, uma busca centrada exclusivamente no indivíduo ou em um determinado grupo, como o único responsável pelo processo de mudança. Mas parte-se do indivíduo ou grupo as possibilidades de construir ou manter mecanismos de proteção, bem como de perspectiva e consciência crítica sobre a realidade para que este sujeito possa continuar “se sentindo humano” mesmo em situações que tendem a desumanizá-lo.

#### **4. Considerações finais**

A análise dos diários possibilitou a identificação de ocupações que salvam e das áreas de envolvimento ocupacional às quais elas se referem. Argumentou-se também que o envolvimento em ocupações participa da elaboração de traumas psicossociais, através da manutenção dos significados socioculturais compartilhados que preservam o senso de humanidade em situações extremas.

Tal compreensão foi possível por meio de uma pesquisa documental. Com isso, deve-se reconhecer que o estudo proposto suscitou novas reflexões para os enfrentamentos em outros contextos contemporâneos de vida, como desastres ambientais, conflitos civis, a questão dos refugiados, as violências armadas, etc. Desta forma, recomenda-se que novos estudos sejam realizados com o propósito de aprofundar esta compreensão em diferentes contextos e em diversas histórias da humanidade.

Contudo, considera-se que a perspectiva descrita ao longo deste estudo sobre as ocupações que salvam pode mobilizar profissionais que atuam com populações em contextos extremos no sentido de refletirem sobre ações e intervenções que se proponham a modificar a realidade ocupacional e seus significados enquanto experiências humanizadoras.

## 5. Referencias

- Álvarez, N. M., Díez, E., & Arberas, E. J. (2021). Analysis of daily occupations and engagement in Sahrawi refugee camps. *Journal of Occupational Science*, 28(1), 173-184, DOI: <https://doi.org/10.1080/14427591.2021.1897964>.
- Ballarin, M. L. G. S, Moreira, C. E. F. A. A., Tannus, L. M. N., & Casacio, G. B. P. (2016). Espiritualidade e saúde no contexto da Terapia Ocupacional. *Revista de Ciências Médicas*, 25(3), 135-144.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Baró, I. M. (1994). Guerra y trauma psicosocial del niño salvadoreño. *Anthropos Revista de Documentación Científica de la Cultura*, (156), 37-43.
- Baró, I. M. (1988). La Violencia Política y La Guerra como Causas del Trauma Psicosocial en El Salvador. *Revista de Psicología de El Salvador*, 7(29), 123-141.
- Bauman, J. (2005). *Inverno na Manhã: Uma Jovem no Gueto de Varsóvia*. Jorge Zahar Editor.
- Berg, M. (2010). *O Diário de Mary Berg: Memórias do Gueto de Varsóvia*. Amarílis.
- Coggiola, O. L. A. (2017). A Segunda Guerra Mundial: Conflito e Violência. *Produção Acadêmica*, 3(1), 92-122.
- Correia, R. L. (2021). *Envolvimento ocupacional, analfabetismo urbanístico e interdisciplinaridade. A terapia ocupacional para as cidades pelas ideias da Erminia Maricato*. *Revista Políticas Públicas & Cidades*, 10 (1), 57-83. DOI: 10.23900/2359-1552v10n1-maricato-4-2021
- Costa, B.S. (2016). *Religiosidade como expressão da espiritualidade: uma atividade significativa nas ocupações* [Monografia]. Universidade de Brasília.

- Costa, E. F., Oliveira, L. S. M., Corrêa, V. A. C., & Folha, O. A. A. C. (2017). Ciência ocupacional e terapia ocupacional: algumas reflexões. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 1(5), 650-663. DOI: <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto9687>.
- Falardeau, M., Morin, J., & Bellemare, J. (2014). The Perspective of Young Prisoners on their Occupations. *Journal of Occupational Science*, 22(3), 334–344. DOI:<https://doi.org/10.1080/14427591.2014.915000>.
- Furlani, R., & Ceolim, M. F. C. (2005). Padrões de sono de estudantes ingressantes na Graduação em Enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 58(3), 320-324.
- Frank, A. (2015). *O Diário de Anne Frank*. (34ª ed). BestBolso.
- Gomes, D., Teixeira, L., & Ribeiro. J. (2021). *Enquadramento da Prática da Terapia Ocupacional: Domínio & Processo 4ª Edição*. Versão Portuguesa de Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process 4th Edition (AOTA - 2020). Politécnico de Leiria.
- Kramer, C. (2008). *A Guerra de Clara: A história real da família judia salva do holocausto por um anti-semita*. Ediouro.
- Laskier, R. (2008). *O Diário de Rutka*. Rocco.
- Law, M., Baptiste, S., Carswell, A., McCall, M. A., Polatajko, H., & Pollock, N. (2009). *Medida Canadense de Desempenho Ocupacional (COPM)*. Editora UFMG.
- Lentin, P. (2002). The Human Spirit and Occupation: Surviving and Creating a Life. *Journal of Occupational Science*, 9(3) 143-152, DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/14427591.2002.9686502>.
- Lipszyc, R. (2015). *O Diário de Rywka*. Seguinte.
- Martinelli, S. A. (2011). A Importância de Atividades de Lazer na Terapia Ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 19(1), 111-118.
- Martins, J. M. P., & Azevedo, F. (2016). O diário: uma representação polifônica do Eu.
- Reflexões sobre a obra O diário, de Anne Frank. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*, 38(1), 105-114.
- Nelson, A. M. P., & Wilson, L. H. (2012). Occupational Understandings from the Experiences of Holocaust Survivors. *Journal of Occupational Science*, 26(2), 178-190. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/14427591.2011.595892>.
- Pimentel, A. (2001). O Método da Análise Documental: Seu uso numa Pesquisa Historiográfica. *Cadernos de Pesquisa*, 114, 179-195.

- Reed, K., Smythe, L., & Hocking, C. (2013). The Meaning of Occupation: A Hermeneutic (Re)view of Historical Understandings. *Journal of Occupational Science*, 20(3), 253-261.
- Sá-Silva, J. R., Almeida, C. D., & Guindani, J. F. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 1(1), 1-15.
- Silva, A. C. C., & Oliver, F. C. (2019). Participação social em terapia ocupacional: sobre o que estamos falando? *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(4), 858-872. DOI: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoar1883>.
- Sima, L., Thomas, Y., & Lowrie, D. (2017). Occupational disruption and natural disaster: Finding a “new normal” in a changed context. *Journal of Occupational Science*, 24(2), 128–139. DOI: <https://doi.org/10.1080/14427591.2017.1306790>.
- Sumsion, T. (2003). *Prática Baseada no Cliente na Terapia Ocupacional: guia para implementação*. Roca.
- Gail Whiteford, Katherine Jones, Cindy Rahal & Aakifah Suleman (2018) The Participatory Occupational Justice Framework as a tool for change: Three contrasting case narratives, *Journal of Occupational Science*, 25:4, 497-508, DOI: [10.1080/14427591.2018.1504607](https://doi.org/10.1080/14427591.2018.1504607)
- Vaz, L. R., Estorque, A. V., Campos, R. A. L., & Almeida, M. V. M. (2021). Direitos Humanos, Saúde Mental e Terapia Ocupacional. In Oliveira, F. N. G., Takeiti, B. A., & Carvalho, C. R. (Orgs.), *Terapia Ocupacional, Saberes e Fazeres* (pp. 199-220). Brazil Publishing.
- Whiteford, G. (2000). Occupational Deprivation: Global Challenge in the New Millennium. *British Journal of Occupational Therapy*, 63(5), 200-204.
- Wilcock, A. A. (1999). Reflections on doing, being and becoming. *Australian Occupational Therapy Journal*, 46, 1-11.
- Weiss, H. (2013). *O Diário de Helga: O relato de uma menina sobre a vida em um campo de concentração*. Intrínseca.



Ocupações que salvam em situações extremas: Uma análise documental a partir do holocausto está distribuido bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).